



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 17/03/2023 a 23/03/2023

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

| | GRÃO SOJA (US\$/bushel) | FARELO SOJA (US\$/ton. curta) | ÓLEO SOJA (cents/libra peso) | TRIGO (US\$/bushel) | MILHO (US\$/bushel) |
|-------------------|----------------------------|----------------------------------|---------------------------------|------------------------|------------------------|
| 17/03/2023 | 14,76 | 466,00 | 57,46 | 7,10 | 6,34 |
| 20/03/2023 | 14,86 | 462,70 | 57,99 | 7,00 | 6,33 |
| 21/03/2023 | 14,67 | 460,60 | 56,24 | 6,83 | 6,30 |
| 22/03/2023 | 14,48 | 451,60 | 54,64 | 6,63 | 6,33 |
| 23/03/2023 | 14,19 | 438,30 | 52,17 | 6,62 | 6,31 |
| Média | 14,59 | 455,84 | 55,70 | 6,84 | 6,32 |

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

| SOJA | | |
|---------------------|--------|-----|
| RS – Panambi | 151,00 | |
| RS – Não Me Toque | 151,00 | |
| RS – Londrina | 143,00 | |
| PR – Cascavel | 143,00 | |
| MT – C.N.Parecis | 138,00 | |
| MS – Maracaju | 138,00 | |
| GO - Rio Verde | 138,00 | |
| BA – L.E.Magalhães | 143,00 | |
| MILHO(**) | | |
| Porto de Santos | 81,00 | CIF |
| Porto de Paranaguá | 88,00 | CIF |
| Porto de Rio Grande | S/C | |
| RS – Panambi | 76,00 | |
| SC – Rio do Sul | 77,00 | |
| PR – Cascavel | 72,00 | |
| PR – Londrina | 71,00 | |
| MT – C.N.Parecis | 65,00 | |
| MS – Maracaju | 70,00 | |
| SP – Itapetininga | 82,00 | |
| SP – Campinas | 85,00 | CIF |
| GO – Rio Verde | 68,00 | |
| GO – Jataí | 68,00 | |
| TRIGO (**) | | |
| RS – Panambi | 78,00 | |
| RS – Não Me Toque | 78,00 | |
| PR – Londrina | 85,00 | |
| PR – Cascavel | 86,00 | |

Período: 22/03/2023

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 23/03/2023**

| Produto | milho (saco 60 Kg) | soja (saco 60 Kg) | trigo (saco 60 Kg) |
|---------|-----------------------|----------------------|-----------------------|
| R\$ | 81,35 | 159,19 | 78,26 |

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
23/03/2023**

| Produto | |
|---|--------|
| Arroz em casca (saco 50 Kg) | 84,18 |
| Feijão (saco 60 Kg) | 279,70 |
| Sorgo (saco 60 Kg) | 63,00 |
| Suíno tipo carne (Kg vivo) | 5,20 |
| Leite (litro) cota-consumo (valor líquido) | ND** |
| Boi gordo (Kg vivo)* | 9,17 |

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Cf. Emater

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

Esta semana foi de degringolada geral dos preços da soja e derivados em Chicago, assim como no Brasil. A tensão financeira com a crise bancária, especialmente nos EUA; a nova alta nos juros básicos dos EUA, deixando os títulos públicos estadunidenses ainda mais atrativos; e o recuo nos preços do petróleo para níveis ao redor de US\$ 76,00 o barril, fato que puxa para baixo os grãos, especialmente o óleo de soja; e algumas revisões de safra no Brasil, indicando que, apesar da enorme quebra no Rio Grande do Sul, o país conseguiria atingir entre 153 e 155 milhões de toneladas, graças ao recorde de produção em outros Estados da Federação, derrubaram fortemente o bushel da oleaginosa. O fechamento desta quinta-feira (23) ficou em US\$ 14,19 (a mais baixa cotação desde o dia 17 de novembro passado), contra US\$ 14,91 uma semana antes. Salientando que para novembro, momento da futura colheita dos EUA, o bushel já está em US\$ 12,58.

Neste contexto, enquanto o mercado espera o relatório de intenção de plantio dos produtores estadunidenses, previsto para o dia 31/03, as exportações dos EUA melhoram um pouco, puxadas pela demanda chinesa. O volume embarcado na semana encerrada em 16/09 ficou em 716.618 toneladas, chegando próximo do teto da meta esperada para aquela semana, e elevando para 44,1 milhões de toneladas o total embarcado no atual ano comercial. No ano passado, na mesma época o volume total era pouco superior a 42 milhões de toneladas.

Por outro lado, especialmente devido a forte quebra na safra da Argentina, um novo levantamento sobre a safra de soja 2022/23 da América do Sul, traz um volume total de 193,5 milhões de toneladas, contra 218,2 milhões projetados em novembro, porém, ainda 5% acima do produzido na frustrada safra do ano anterior, que foi de 184,7 milhões de toneladas. A área total semeada na região foi de 66,85 milhões de hectares, porém, a seca só permitirá a colheita de 64,33 milhões, ficando abaixo da área colhida do ano anterior, que foi de 64,5 milhões de hectares. Neste levantamento, a produção brasileira está estimada em 150,8 milhões de toneladas, devido a quebra no Rio Grande do Sul, com aumento de 16% sobre a safra anterior, que foi de 129,7 milhões de toneladas. Lembrando que a ABIOVE ainda estima safra um pouco acima de 153 milhões de toneladas, e que o Rally da Safra, coordenado pela Agroconsult, aponta 155 milhões de toneladas. O levantamento indicou uma área total semeada no Brasil de 43,99 milhões de hectares, contra 42,11 milhões no ano anterior. Na Argentina, para uma área a ser colhida de 14 milhões de hectares (o plantio teria sido de 16,5 milhões), o potencial de produção está em apenas 27 milhões de toneladas. Ou seja, um recuo de 37% sobre as 43 milhões colhidas no ano anterior. Já no Paraguai, a área ficou em 3,8 milhões de hectares e a produção deverá alcançar 9,7 milhões de toneladas no somatório das safras de verão e inverno (lá tem-se duas safras no ano), contra apenas 4,54 milhões na frustrada safra anterior. Na Bolívia, a área teria atingido um novo recorde, de 1,49 milhão de hectares, com uma produção final estimada em 3,5 milhões de toneladas, ou seja, 18% abaixo do colhido em 2021/22, que foi de 4,25 milhões de toneladas. E no Uruguai, com uma área semeada de 1,22 milhão de hectares (+5% sobre o ano anterior), o clima seco trouxe a parte colhida para 1,05 milhão, com recuo de 13,9% sobre o esperado. Com isso, o potencial de colheita caiu 22% sobre o registrado em 2021/22 e 27% sobre o esperado inicialmente para este ano, devendo o volume total ficar em 2,5 milhões de toneladas. (cf. Datagro)

Pelo lado da demanda, uma situação que vem prejudicando muito os preços brasileiros da soja, está no fato de que a China, diante do atraso da colheita e oferta da nova safra do Brasil, vem comprando cada vez mais soja dos EUA neste momento. Nos primeiros dois meses de 2023 o aumento das compas chinesas junto ao país da América do Norte foi de 15,4%, tendo adquirido 11,6 milhões de toneladas. Já as importações chinesas, de soja oriunda do Brasil, caíram 36%, para 2,24 milhões de toneladas. Com isso, as importações totais de soja, por parte da China, no período considerado, somaram 16,2 milhões de toneladas, conforme dados da Alfândega da China divulgados no início de março.

Este contexto, somado ao atraso nos embarques de soja junto aos portos brasileiros; ao alto de tempo de espera dos navios para embarcarem (em Paranaguá chegando a 30 dias); aos estoques de cobertura das fábricas moageiras, avançando para o maio/junho; e ao período de compras da China indo para maio e junho, fato que gera falta de espaço de armazenagem no interior do país; e mais a uma safra que, mesmo com os problemas gaúchos, ainda será recorde, está derrubando os preços dos prêmios nos portos nacionais. “Nos últimos dias, negócios foram registrados com prêmios de até 50 centavos de dólar negativos, ou seja, 50 centavos de dólar abaixo dos valores do bushel praticados na Bolsa de Chicago para o contrato maio/23.” (cf. Agroinvest)

Esta queda nos prêmios, acompanhada de forte recuo em Chicago, com um câmbio que voltou aos patamares de R\$ 5,20 a R\$ 5,25 durante a semana, derrubaram os preços da soja aos produtores do país. No Rio Grande do Sul, a média gaúcha veio para R\$ 159,19/saco, sendo que as principais praças locais negociaram o produto a R\$ 151,00/saco. Tais preços nominais não eram vistos desde o final de novembro de 2021 (mesmo assim, naquela época, as principais praças gaúchas ainda pagavam entre R\$ 154,00, e R\$ 155,00/saco). Lembrando que no ano passado, nesta época, a média de preço no Estado gaúcho batia em R\$ 203,76/saco. Apesar disso tudo, atualmente os produtores brasileiros, em sua maioria, continuam segurando a soja colhida, na expectativa de preços melhores, apesar de a tendência, por enquanto, indicar dificuldades para isso. Claramente, entre outubro passado e fevereiro do corrente ano, ocorreu a melhor janela de vendas desta safra, até este momento. Mais uma vez se confirma a importância da estratégia de se fazer média de comercialização.

Já nas demais praças brasileiras, o recuo igualmente foi importante, com o saco de soja fechando a semana entre R\$ 138,00 e R\$ 143,00/saco. Nestas regiões, a entrada da colheita é intensa, com o Mato Grosso já praticamente tendo encerrada a mesma, e o volume é recorde em muitas localidades. Um ano atrás, tais preços giravam entre R\$ 177,00 e R\$ 191,00/saco.

Dito isso, a colheita vem avançando no Brasil. Até o dia 17/03 a mesma atingia em torno de 65% da área total, contra 74,3% colhidos no mesmo período da safra passada, e aquém dos 67,5% da média histórica. (cf. Datagro)

Por sua vez, as exportações de soja, por parte do Brasil, atingiram a 563.600 toneladas diárias até a terceira semana de março, superando a média de 554.100 toneladas em igual período do ano anterior. (cf. Secex)

Por outro lado, com base no Rally da Safra, a Agroconsult considera possível o Brasil alcançar o recorde de 155 milhões de toneladas de soja neste ano, apesar da forte quebra gaúcha. Isso seria possível graças a perspectiva de recordes de produtividade em oito Estados: Santa Catarina, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Minas Gerais, Maranhão, Piauí, São Paulo e Rondônia. Neste cenário, a produtividade média brasileira atingiria 59,1 sacos/hectare. O resultado final virá quando tivermos realmente o volume colhido no Rio Grande do Sul, cujas quebras continuaram aumentando após o último relatório da Emater, já que não vieram chuvas consistentes e generalizadas até o momento, neste mês de março. Com cerca de 5% da área colhida no Estado, a produtividade média estacionava ao redor de 33 sacos/hectare. Ou seja, uma quebra ao redor de 50% em relação ao esperado. Se isso se confirmar até o final, as perdas totais gaúchas girariam ao redor de 10 milhões de toneladas de soja em relação ao esperado.

Especificamente sobre Santa Catarina, a área de cultivo foi elevada para 730.600 hectares e a produção daquele Estado atingiria 2,74 milhões de toneladas, quando o prognóstico inicial, na safra 2022/23, era de 2,61 milhões de toneladas. Somando à segunda safra – recém cultivada em 60.000 hectares – a produção em 2023 deve chegar próxima a três milhões de toneladas. (cf. Epagri)

Diante deste quadro, a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (ABIOVE) ainda espera que o esmagamento de soja no Brasil atinja um novo recorde neste ano, ao bater em 52,5 milhões de toneladas. A produção de farelo de soja ficaria em 40,2 milhões de toneladas e a de óleo de soja em 10,7 milhões. Vale mencionar que o consumo interno de óleo de soja foi atualizado para 8,95 milhões de toneladas, considerando que o governo federal autorizou a mistura de 12% de biodiesel, no diesel normal, a partir de abril. Já em termos de exportação, a entidade projeta os seguintes volumes: soja em grão com 92,3 milhões de toneladas, farelo de soja com 20,7 milhões, e óleo de soja com 2,15 milhões. A receita esperada com as exportações dos produtos do complexo soja pode superar os US\$ 66 bilhões neste ano, o que seria mais um recorde histórico. Para a Abiove, em 2022, a colheita total de soja no Brasil teria ficado em 129,9 milhões de toneladas, e o esmagamento em 50,9 milhões.

Já nossas exportações, segundo a Secex, em 2022 ficaram em 78,7 milhões de toneladas para o grão, 20,4 milhões em farelo e 2,6 milhões em óleo. O valor total gerado pelas exportações do complexo soja, no ano passado, foi de US\$ 61 bilhões. As vendas internas de farelo foram de 18,9 milhões de toneladas e as de óleo de 7,2 milhões, volume que inclui as vendas para mistura de biodiesel, na época mantida em 10% durante todo o ano.

Enfim, mesmo com o aumento da mistura de biodiesel para 12%, a partir de abril, os estoques finais de óleo de soja deverão crescer em 2023, caso a safra final supere as 150 milhões de toneladas. Tais estoques ficariam em 665.000 toneladas, contra 507.000 em 2022. O consumo de óleo de soja, para o biocombustível no Brasil, vai aumentar 23,5% em 2023, atingindo a 5,8 milhões de toneladas, enquanto o consumo brasileiro geral, de óleo de soja, deverá subir 12,4%, para 8,5 milhões de toneladas. No ano passado, o óleo de soja respondeu por cerca de 65% da produção de biodiesel, com outros óleos vegetais e gorduras animais respondendo pela oferta restante da matéria-prima. (cf. Stone X)

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, se mantiveram estáveis nesta semana. O bushel do cereal fechou a quinta-feira (23) em US\$ 6,31, contra US\$ 6,32 uma semana antes.

O mercado espera a definição de área a ser semeada nos EUA, nesta próxima safra de verão local, que virá no relatório de intenção de plantio, previsto para o próximo dia 31/03.

Enquanto isso, os embarques de milho, por parte dos EUA, somaram 1,2 milhão de toneladas na semana encerrada em 16/03, ficando dentro da expectativa do mercado. Com isso, o total embarcado no ano comercial atinge a 17,5 milhões de toneladas, contra mais de 27 milhões no mesmo período do ano anterior.

Os EUA foram o principal fornecedor de milho para a China no primeiro bimestre do corrente ano, atingindo a 2,35 milhões de toneladas, ou seja, um aumento de 22% sobre o volume exportado para o país asiático no mesmo período do ano passado. Já a Ucrânia forneceu apenas 1,18 milhão de toneladas, com recuo de 56%, enquanto o Brasil chegou a 1,48 milhão de toneladas de milho vendidas para a China, no período, vendas estas que foram as primeiras desde que os chineses autorizaram um novo lote de exportadores no final do ano passado.

E aqui no Brasil, os preços continuaram pressionados negativamente. A semana fechou com a média gaúcha valendo R\$ 81,35/saco, enquanto as principais praças locais trabalharam com R\$ 76,00/saco. Já no restante do país, os valores continuaram entre R\$ 65,00 e R\$ 82,00/saco, com leves oscilações regionais. E na B3, a abertura do pregão deste dia 23/03 indicou valores de R\$ 84,10/saco para maio, R\$ 84,07 para julho, R\$ 84,02 para setembro e R\$ 85,87/saco para novembro.

Por sua vez, a colheita da safra de verão e o plantio da segunda safra avançaram, aproveitando-se da melhoria climática nas regiões produtoras. Mas os compradores continuam bastante lentos nas aquisições, esperando, talvez, preços mais baixos.

O plantio da chamada safrinha chegou a 91% no Centro-Sul brasileiro, já estando fora da janela ideal por alguns dias. Pela média histórica o mesmo deveria estar em 97%. Os maiores atrasos estão no Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e Paraná. Enquanto isso, a colheita de verão 2022/23 chegou a 51% da área, contra 57% um ano atrás. (cf. Datagro)

Em tal contexto, a safra de verão está estimada em 28,3 milhões de toneladas, para uma área semeada de 5,3 milhões de hectares, enquanto a safrinha poderá chegar a 97,2 milhões de toneladas, dependendo do clima. (cf. Agroconsult)

Especificamente no Paraná, segundo o Deral, o plantio da segunda safra de milho chegava a 77% da área esperada no final da última semana, estando ainda atrasado em relação as últimas safras (desde 2016 é o maior atraso). No mesmo período do ciclo anterior, o plantio de milho safrinha estava quase encerrado no Paraná, com 94% das lavouras semeadas. Em contrapartida, a qualidade das lavouras é boa, com 99% das mesmas nesta situação, contra 95% um ano antes. Já no milho verão a colheita

paranaense atingia a 54% da área semeada, contra 80% no mesmo período do ano anterior.

Na área das exportações nacionais de milho, para 2023, ainda há muitas controvérsias. Alguns analistas sugerem que o país ficará em torno de 40 milhões de toneladas (cf. Safras & Mercado) e outros avançam a possibilidade de chegarmos a 51,9 milhões de toneladas (cf. Agroconsult). Pelo sim ou pelo não, tais volumes dependerão do que será colhido na próxima segunda safra, fato que depende essencialmente do clima, já que a área geral aparentemente não teria aumentado como o previsto, ficando estável em 16,7 milhões de hectares. Com isso, a área total do cereal, no Brasil, está estimada em 22 milhões de hectares, com uma ligeira redução de 0,8% no comparativo anual.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, ensaiaram uma recuperação no início da semana, porém, a mesma não se sustentou. Com isso, o bushel do cereal acabou fechando a quinta-feira (23) em US\$ 6,62, contra US\$ 6,99 uma semana antes.

Ajudou para isso o fato de que, no último dia 18 (sábado), Rússia e Ucrânia renovaram o acordo de exportações pelo Mar Negro, apesar da continuidade da guerra. Porém, o prazo teria sido de apenas dois meses, algo desejado pela Rússia e que, obviamente, não agradou a Ucrânia. Neste contexto, o Secretário-Geral da ONU confirmou que as Nações Unidas farão o possível para preservar a integridade e a continuidade da Iniciativa dos Grãos do Mar Negro, que permitiu, até o dia 18/03, a exportação de 24 milhões de toneladas de grãos através daquele corredor exportador, grande parte trigo, com 55% das exportações de alimentos a serem destinadas a países em desenvolvimento. (cf. 3três3)

Em paralelo, os embarques de trigo, por parte dos EUA, na semana encerrada em 16/03, atingiram a 374.224 toneladas, ficando dentro do patamar esperado pelo mercado. O total do ano comercial soma 16,3 milhões de toneladas, na mesma dimensão do registrado em igual período do ano anterior.

Por outro lado, conforme já tínhamos destacado na semana anterior, o governo da Indonésia aprovou uma variedade de trigo transgênico para consumo humano. Esta variedade é mais resistente à seca, sendo àquela produzida pela empresa de biotecnologia argentina, a Bioceres Crop Solutions Corp, conhecida pelo nome de HB4. Portanto, a autorização vai além do uso deste trigo apenas para ração animal, e acontece em um momento em que grande parte das terras agrícolas mais produtivas da Argentina foi muito atingida pela seca, provocando uma quebra, na última safra de trigo do país, na altura de 50% em relação ao inicialmente esperado. Assim, a autorização do país asiático representa um marco para o trigo transgênico, considerado um tabu entre muitos consumidores até poucos anos atrás, mas que ganhou mais aceitação devido, particularmente, às preocupações com a segurança alimentar e as mudanças climáticas. A Indonésia é o maior importador global de trigo, após o Egito, enquanto a Argentina é um dos maiores fornecedores mundiais do cereal. No caso, a Indonésia se tornou o segundo maior importador de trigo da Argentina, atrás do Brasil, com as exportações argentinas de trigo para o país asiático atingindo 1,34 milhão de

toneladas no ano passado, segundo dados oficiais. A autorização ao trigo transgênico segue uma aprovação de mercado pelo Brasil no início deste mês. (cf. Bioceres)

E aqui no Brasil os preços continuaram estacionados em R\$ 78,00/saco no Rio Grande do Sul (média semanal de R\$ 78,26/saco), enquanto no Paraná houve novo recuo, com os preços do cereal oscilando entre R\$ 85,00 e R\$ 86,00/saco.

A demanda nacional segue fraca, com grande parte dos produtores, especialmente gaúchos, enfrentando dificuldades para escoar o trigo da última safra. Apenas compradores do Paraná estariam vindo comprar o cereal gaúcho no momento, diante da quebra parcial de sua última colheita.

Enfim, destaque para algumas considerações sobre o mercado nacional do trigo, expostas em Webinar, organizada dia 16/03, pela Associação Brasileira da Indústria do Trigo (Abitrigo), sob o título Trigo 2023: Perspectivas do Mercado Global:

- segundo o USDA, a safra mundial de trigo 2022/23 fechará nas 788,9 milhões de toneladas, enquanto o consumo será de 793,2 milhões de toneladas. O déficit de, aproximadamente, 4,2 milhões de toneladas de trigo terá que ser buscado nos estoques mundiais;

- o Canadá, grande produtor mundial, terá aumento de 10 milhões de toneladas para exportação na temporada 2022/23, atingindo um total de 25 milhões de toneladas;

- no caso dos EUA, as exportações caíram nas duas últimas safras e os estoques finais da temporada atual se reduzirão, em função da demanda doméstica e das exportações do país;

- na Argentina a situação é crítica, com a seca levando a uma quebra de quase 50% em relação ao esperado, sendo que o volume final deverá atingir a 12,4 milhões de toneladas (talvez um pouco menos). Com isso, as estimativas de exportação, por parte do vizinho país, foram reduzidas (o volume comercializado entre dezembro de 2022 e janeiro de 2023 é 73% inferior ao mesmo período da última safra, sendo que as vendas para o Brasil, nesses dois meses, caíram 32% em relação à 2021/22);

- na Ásia e na Europa tem-se que o trigo russo continua competitivo, e a próxima produção da Rússia deve chegar, pelo menos, a 86 milhões de toneladas. A Rússia, hoje, é o segundo fornecedor de trigo ao Brasil;

- diante da continuidade da guerra no Leste Europeu, a próxima safra da Ucrânia permanece indefinida;

- no restante da Europa, a safra 2022/23 sofreu com estiagens. A França foi o país mais atingido. Com isso, o Continente Europeu deverá exportar entre 30 a 32 milhões de toneladas (a Lituânia teve uma excelente safra e poderá ser uma nova origem para os importadores de trigo);

- na Ásia, a Índia terá um volume 5% maior de produção de trigo na futura safra 2023/24, entretanto, a proibição de exportação permanece no país, o que cria um cenário de indefinição quanto às suas vendas externas;

- na China, o maior produtor mundial de trigo, o mercado local continuará dependente das importações, pois o país asiático sempre trabalha com altos estoques de proteção. Até o momento, o clima vem sendo favorável para o plantio da safra atual naquele país.

- na Austrália houve duas safras cheias em sequência, fato que possibilitou o aumento das exportações para outros países, principalmente no Sudeste Asiático, que apresenta vantagens logísticas para o comércio do trigo australiano;

- e no Brasil, o cenário, diante da última safra recorde, é de aumento nas exportações e recuo nas importações. Para 2023/24, diante do recuo nos custos de produção, para alguns haverá aumento de área semeada, para outros poderá haver recuo, especialmente no Rio Grande do Sul, diante da forte baixa nos preços atuais e das dificuldades de comercialização. Por outro lado, segundo Safras & Mercado, em favor do aumento da área estaria a “diversidade de demandas para o trigo, seja para moagem e produção de farinha, exportação, ração animal ou produção de etanol”.